

Listas, literaturas e livros de cultura geral: uma análise

Arnon Tragino
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

Este artigo estuda, por meio de uma breve revisão bibliográfica, livros de listas de cultura geral: materiais que tratam de modo amplo diversos assuntos de áreas das ciências e do conhecimento como a filosofia, a história, a política, a sociologia, entre outras, explicando resumidamente teorias e acontecimentos, e às vezes sugerindo livros. Tais obras incluem a literatura pelas recomendações de autores, livros ou textos, a fim de também aproximar a diversidade apresentada de muitos campos do saber com elementos estéticos de obras literárias, escritores renomados, características e importância dos textos, etc. Teoricamente nos embasamos em Robert Belknap (2004), pelo trabalho *The List*, para discorrer acerca da noção de *ranking*, que explica a presença, o processo de seleção e os usos de obras do gênero, tanto em temas gerais quanto na literatura indicada. O *corpus* é composto por publicações contemporâneas de 1977 a 2017, cuja organização elenca classificações do tipo “Livros que mudaram o mundo” ou “Obras mais importante para a humanidade”, de origem estrangeira, principalmente anglófona, e brasileira. O trabalho entende, nas discussões finais, que há um forte apelo comercial por parte dessas obras para elevar uma constante aquisição individual do conhecimento, fato que não abre espaço para mediações ou aprofundamentos de saberes diversos.

Palavras-chave

Lista. Literatura. Livro. Cultura geral.

O artigo analisa livros de listas que abordam diversas áreas do conhecimento (filosofia, sociologia, política, história, etc.) e seu contato com a literatura⁴⁸. A proposta é enxergar como livros comerciais do tipo “As 10 obras mais importantes da história” condensam informações a respeito de saberes diversos, incluindo, por vezes, a literatura. Para tanto, é necessário explicar como ocorre o processo de listagem em trabalhos assim, que mostra por que há uma seleção e um viés quase determinante para se dizer quais livros podem ser recomendados ou não sobre os assuntos elencados. A representatividade resultante influencia, de certo modo, outras obras de listas literárias como as do tipo “Os 100 melhores autores do século”, uma vez que, previamente, um saber amplo e geral é organizado para, em seguida, se especificar no literário.⁴⁹ Por uma breve revisão bibliográfica, fizemos um recorte contemporâneo do *corpus*, que se inicia na década de 1970 até a segunda década dos anos 2000. E com base em *A vertigem das listas*, de Umberto Eco (2010), e *The List*, Robert Belknap (2004), dentre outros, traçamos o percurso teórico-metodológico sobre reflexões que explicam a relação mencionada e a seleção feita: como temas de muitas áreas do conhecimento são colocados em listagens publicadas e divulgadas comercialmente.

A formação de listagens na literatura está vinculada a métodos de organização que se alinham a um caráter enciclopédico para divulgar informações, criando as listas literárias que indicam a leitura de textos, obras e autores. Em muitas áreas do saber, o processo é semelhante, o que faz surgir livros de cultura geral (algo próximo de manuais e almanaques, ou livros que sugerem outros livros de conhecimentos gerais com o mesmo propósito de recomendar leituras). A expressão “livros de cultural geral” ou, de forma sintética, “listas gerais” pode ser uma nomenclatura adequada para esses trabalhos, por haver uma grande condensação de saberes diversos, que englobam, por isso, conhecimentos enciclopédicos. Assim, dentro do recorte proposto, observamos que essas listas influenciam listas literárias famosas, sua organização ou incluem também alguma listagem específica de livros de literatura, como veremos. Essas obras têm uma origem majoritariamente anglófona, mas é necessário mencionar também algumas listas germânicas, francófonas e brasileiras importantes. Nesse contexto existe ainda, mas em menor quantidade, a publicação de jornais e revistas que trazem listagens diversas e que se aproximam bastante desses livros, levando as indicações para outros meios de comunicação. Desse modo, após a reflexão teórica, trataremos

⁴⁸ Uma discussão inicial sobre o tema foi feita em Tragino (2020).

⁴⁹ A expressão *literary list*, a “lista literária”, foi cunhada por Belknap (2000, p. 35) para designar a relação das listas com a literatura, seja por meio de sua inscrição no texto literário, ou na organização de obras e autores. Belknap (2004, p. xii) também explica que na presença constante de muitas listagens é evidente a existência de listas gerais que antecedem as listas literárias, principalmente na formação de *rankings*.

então a análise desses exemplos de listas de outras áreas não-literária que divulgam conhecimentos diversos.

As raízes que sustentam as listas gerais estão firmadas na tradição histórica para sistematizar o conhecimento: Umberto Eco (2010, p. 153-156, 201-205, 231-241), em *A vertigem das listas*, pensa a respeito disso quando comenta sobre as classificações aristotélicas, os bestiários medievais e as coleções renascentistas; já Peter Burke (2012, p. 13-42), em *Uma história social do conhecimento II*, relaciona esse processo com os métodos que auxiliaram no surgimento da enciclopédia no século XVIII; e Maria Esther Maciel (2009, p. 15-19), em *As ironias da ordem*, afirma que isso vem das categorizações das ciências no século XIX; porém, para Robert Belknap (2004, p. ix), em *The List*, o cotidiano atualmente é preenchido com listas do mercado, dos *rankings* de melhores e piores obras, dos livros selecionados para as leituras das férias, de resoluções de ano novo e da *internet*, local onde tal produção não se pode controlar (ECO, 2010, p. 353-360). Todos esses caminhos promovem as escolhas das listas gerais hoje; e mais diretamente o mercado e a *internet* incidem com grande força sobre o que se sugere nas publicações, dando manutenção a aspectos de consagração de algumas criações artísticas, filosóficas, históricas, científicas, de comportamentos sociais, ou de algumas formas de pensar, em detrimento de outros modos ou de outras escolhas de obras e autores.

Em termos de tradição, se as listas gerais retomam elementos enciclopédicos e do mercado, em termos linguísticos é necessário entender brevemente por que a origem de tais publicações parte de um contexto anglófono. Vemos nas listas gerais a predominância do inglês como língua de difusão dos itens selecionados, numa intenção de registro das possíveis leituras com uma alta carga de valor, que também vão alimentar o consumo dos livros. Edward Said (2011, p. 117-142) não desvincula parte da produção literária do século XIX e início do século XX do histórico imperialista pelo qual passaram as nações de língua inglesa hoje a partir de um processo de colonização que sugou as potencialidades criativas desses lugares ao não inserir em algum romance, por exemplo, um protagonista da própria região, mas sim uma figura aristocrática de Londres. Para o autor, o fato de Charlotte Brontë poder citar a Índia em seu *Jane Eyre* ocorre por causa de uma permissividade imperialista que trouxe informações daquele local, as quais a autora teve acesso por meio das invasões coloniais (SAID, 2011, p. 122). Mas se na própria literatura esse domínio é sentido, na difusão do conhecimento e das listas isso se mostra mais evidente, pois o desenvolvimento econômico ligado à globalização em fins do século XX estabeleceu o inglês como uma língua dita “franca” na troca de saberes tecnológicos, científicos, militares, políticos e mercadológicos

que, por sua vez, fizeram uma grande intervenção em fatores socioculturais e na criação de bens (ORTIZ, 2004). O reflexo desse processo é constante nas listas gerais, ao passo que sua base anglófona delimita as indicações de informações e literaturas em benefício dos grandes nomes e das grandes obras da cultura, da ciência e da literatura inglesa ou norte-americana. A quantidade de itens, a distribuição dos espaços dedicados às diferentes informações nas páginas das listas e até os destaques na seleção feita caracterizam uma certa “soberania” inglesa acerca da produção intelectual ocidental, como veremos.

Não obstante, dois aspectos precisam ser esclarecidos antes de descrevermos mais detidamente as listagens: primeiro, junto do que se constrói com a lista, a partir do pensamento de Belknap (2004), Eco (2010) e Maciel (2009), a presença do leitor é um elemento integrante para o uso e para a divulgação dos itens ali presentes. Pois quando falamos do que é listado, invariavelmente também falamos do leitor para quem a lista se destina, por meio do intercâmbio de um conhecimento geral, por exemplo. Segundo, na descrição dos objetos de análise, faremos alusão a um ambiente de consumo e a uma ostentação do saber por uma perspectiva mercadológica, aspecto que caracteriza também o perfil de leitor que tem acesso a esses materiais.

O livro das listas, de David Wallechinsky e Amy Wallace (2006 [1977]), que agrupa listas de variadas formas em muitos contextos de usos, é o primeiro de uma leva de obras do gênero na contemporaneidade. Trata-se de uma lista com curiosidades sobre esportes, mídias, arte, culinária, história e também literatura. Como explicam na introdução, a preocupação dos organizadores é sanar o tédio do leitor contra a linearidade de grandes livros de consulta, ao mesmo tempo em que trazem alguma diversão. Mas não abrem mão de assentar o trabalho na tradição do ato de se fazer listagens, citando até mesmo a obra *Wonders of the Little World*, de Nathaniel Wanley (1678), como fundadora dessa prática, como o primeiro livro de listas (WALLECHINSKY; WALLACE, 2006, p. 13). Também é deixada para o leitor a oportunidade de se frear a alta quantidade de informações, que chegam nele por outras vias: os autores buscam filtrar com as listas o peso da leitura, tentando proporcionar um descanso ou ajudando os leitores nesse exercício (WALLECHINSKY; WALLACE, 2006, p. 13-14).

O formato de consulta fica mais claro com Martin Seymour-Smith (2010 [1998]), em *Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade*, com inclusão na lista de obras orientais e das ciências exatas junto com obras religiosas, literárias e filosóficas. A compilação traz também uma discussão sobre a questão da influência e da noção de “grandeza” das obras, algo que, para o organizador, parte de sua personalidade e de seu

conhecimento especializado, sendo um aspecto duplo de todas as escolhas (SEYMOUR-SMITH, 2010, p. 13). O livro se reconhece como uma obra generalizante e de mercado, pois é direcionada ao público leigo, já se inserindo na categoria de livros com listas gerais, e utilizando também para isso um número expressivo na indicação das obras: cem, no caso, que expõem um tipo de totalidade, quantidade ou um valor inteiro/completo para que o leitor entre em contato e sustente um grande saber. Essa seria uma postura diferente das preocupações de Wallechinsky e Wallace (2006), por exemplo, já que esses autores não quiseram explicitar um número exato de sugestões.

Se em Seymour-Smith (2010) houve alguma profundidade ao mostrar para o leitor o acesso que ele pode ter com as informações do livro, em *Cultura geral. Tudo o que se deve saber*, Dietrich Schwanitz (2009 [1999]) vai mais além e evoca a possibilidade de se obter algum autoconhecimento com a cultura geral: basicamente a europeia, que se difundiu no mundo ocidental. O autor relaciona vários panoramas sobre algumas áreas com o objetivo de mostrar uma utilidade da cultura, especialmente para o leitor que busca uma erudição, uma vez que da educação básica até a universidade, no pensamento de Schwanitz (2009, p. XV), parece não satisfazer mais essa necessidade, ou a satisfaz de uma maneira superficial. Há no livro discussões sobre história, literatura, arte, música, filosofia, sociologia, política, linguagem, livro, escrita, comportamento, o que não convém saber e o saber reflexivo, aquele que se questiona. O que mais transparece, assim, é uma certa visão imperativa do autor ao tentar normatizar os contatos culturais do leitor, como se outros elementos ou conhecimentos fora do que ele propõe no livro não pudessem compor ou não tivessem alguma carga de importância na bagagem intelectual de quem lê.

Essas restrições parecem ficar ainda mais condensadas no trabalho de Melvyn Bragg (2006), em *12 Books that Changed the World*, que, apesar disso, sugere uma quantidade bem menor para a leitura do que Seymour-Smith (2010) e Schwanitz (2009). Bragg seleciona doze livros que, em diferentes graus e momentos, provocaram revoluções no pensamento inglês e ocidental, e explica, com mais de um livro por área, sobre nove temas que considera fundamentais: matemática, sociologia, direito, esporte, biologia, física, religião, economia e literatura. Isaac Newton, Charles Darwin, Adam Smith e William Shakespeare são as figuras mais chamativas na lista. Mas a proposta é que o leitor reconheça como alguns livros, que ele deveria ler, causaram profundos abalos históricos e modificações sociais afetando o seu entorno hoje (BRAGG, 2006, p. 13). O autor também acredita, ao lembrar a tradição mítico-religiosa do número doze, que a leitura dessa seleção é um exercício que mantém vivas as buscas por liberdades, quedas de tiranias, novas formas de enxergar o mundo e de

transformá-lo, e, acima de tudo, materializadas no livro, as obras modificariam as subjetividades dos leitores justamente por trazerem um novo conhecimento (BRAGG, 2006, p. 16-17). O foco evidentemente britânico indica que Bragg não recusa certa ideia de senso comum de que é no pensamento inglês que está uma origem de grandes influências no ocidente – como Said (2011) comenta – o livro parece não querer fazer uma revolução contra essa ideia. E isso também carrega um tom normativo que recai sobre o leitor, como se em outras nações e/ou culturas não houvesse livros capazes de revolucionar a sociedade, ou que, caso houvesse, eles seriam dependentes do pensamento inglês.

A maior e mais pesada lista geral até agora é a de Florence Braunstein e Jean-François Pépin (2017 [2014]): *1kg de cultural geral*. Os autores fazem um apanhado histórico desde a formação da terra até a eleição do Papa Francisco, e descrevem os principais acontecimentos que afetaram as artes, a literatura, a religião, a filosofia, a música e as ciências. Por já verem um desgaste nas listas que sempre focam no mundo europeu, ocidental e/ou anglófono, Braunstein e Pépin (2017, p. 32) afirmam que a “cultura geral também é oriunda da Ásia, África e América”, e incluem na obra informações de outras partes do globo para que a cultura não fique espelhada em um conceito dado por uma única região. Além disso, a preocupação com os leitores é diferenciada, pois o livro aposta essencialmente na diversidade de leituras que o público pode ter; outra evidência de que também já estava desgastante fazer alguma restrição à visão e à interpretação do leitor, ao contrário do “adestramento” que as listas gerais anteriores faziam:

Quisemos proporcionar todas as formas de leitura possíveis. O enciclopedista lerá tudo da primeira à última página; o geógrafo escolherá a França, da Pré-História ao século XXI ainda nascente; o admirador de temáticas privilegiará a evolução da literatura chinesa das origens aos nossos dias; o curioso passará do Código de Hamurabi à pintura de Giotto antes de se interessar pela história espanhola do século XIX ou pela filosofia a partir de 1945.

Uma obra tão ambiciosa repousa, enfim, sobre uma ardente obrigação, já que cada campo abordado deve poder ser compreendido imediatamente por todos, e nós nos esforçamos para tornar facilmente acessíveis todos os universos que compõem a cultura geral.

Um arrependimento? Não ter podido dizer tudo sobre tudo. Mas, quem sabe a vida não nos dá uma outra chance? (BRAUNSTEIN; PÉPIN, 2017, p. 32-33).

Mesmo fornecendo uma maior liberdade para o leitor encontrar informações diversas, toda essa ampliação não é só intelectual, mas principalmente comercial: as categorias elencadas que vão do enciclopedista ao curioso e o acesso tornado fácil a toda cultura geral são métodos de persuasão para que o leitor se sinta contemplado e potencializado a ler e a consumir a lista. Se a seleção das outras listas feitas antes conduzia o leitor a uma restrição normativa sob alguns itens e a um alcance exclusivo sobre alguns dados,

agora, nesta lista, as opções são aumentadas muito mais do que em Seymour-Smith (2010), por exemplo, para que o leitor tenha uma noção completa sobre tudo, ou que pelo menos aparente ter uma experiência assim.

Essa performance de liberdade de leitura, de escolha e de contato com muitos itens, que revela uma transformação do trabalho de Wallechinsky e Wallace (2006) ao de Braunstein e Pépin (2017), ou seja, da lista que modela o leitor para o leitor que modela a lista, é usada de outra maneira por Lisa Nola (2014a [2007]; 2014b) em *Listografia e Literary Listography*. Seus trabalhos auxiliam os leitores a escreverem suas próprias listas e a montarem, no caso do primeiro livro, uma autobiografia listada, ou seja, listas gerais com informações sobre muitos momentos da vida: prazeres, decepções, conquistas, viagens, compras, mudanças, pessoas, empregos, coisas favoritas, comidas, objetos e lugares, por exemplo, aparecem como orientações para se preencher as páginas do livro. Já o segundo destaca a literatura e estimula a produção de listas literárias: o formato é o mesmo, porém, as seções são divididas para que livros, autores, personagens, histórias, ambientes, conflitos, amores, situações de leitura, preferências e desgostos, por exemplo, sejam listados, ajudando o leitor a também organizar o que leu, o que está lendo ou o que vai ler. Além de publicar obras específicas também para outras áreas como música, cinema, viagens e comida, a pertinência de se inserir esta autora aqui se dá porque, com isso, conseguimos constatar um outro processo do mercado: aparentemente de forma lúdica e com uma noção implícita de total autocontrole por meio de listagens tão pessoais, esses livros fazem o leitor ser responsável por suas próprias seleções, e produzir suas próprias listas de modo que imagine saber o que tem, o que o cerca e o que lê; uma proposta claramente individualizante, como se não houvesse interferências externas a ele que também coordenassem tais escolhas.

No Brasil, não encontramos ainda um trabalho que tenha se valido de aspectos como os das listas gerais anteriores. O que observamos ser mais próximo, até o momento, foram duas edições da revista *Superinteressante* em que foram compilados livros diversos. A primeira, *101 livros que mudaram a humanidade*, organizada por Erika Sallum e Juliana Lopes (2005), recupera os livros que mais influenciaram o pensamento mundial e a história, e que por isso se tornaram importantes. Em ordem cronológica, a obra começa na China, com *O livro das mutações*, de Fu Hsi e outros autores (5000 a. C.), e termina na Inglaterra, com *Uma breve história do tempo*, de Stephen Hawking (1988), trazendo trabalhos de muitas áreas entre esses períodos. As editoras mostram que a lista dá ênfase também aos livros pouco lembrados em publicações assim, como a *Carta sobre a felicidade*, de Epicuro, e *Prolegômenos*, de Ibn Khaldun, numa forma de deixar evidente para os leitores que eles podem depositar sua busca

por mais informações nesse diferencial. Além disso, a questão numérica parece chamar mais atenção: as autoras explicam que o “um” a mais nos cem livros selecionados indica que, em listas desse tipo, sempre é possível acrescentar mais alguma obra, e que por isso sempre haverá discussões sobre as listagens não serem definitivas; um forte argumento para que o leitor consuma futuras indicações.

Uma década depois a revista publica *Os 30 livros mais importantes da história* (2015), e repete a maioria dos livros da outra lista, inclusive o primeiro e o último em suas respectivas posições. Por causa do menor número de itens, a proposta agora é mais amigável e busca incentivar o leitor a entrar em contato com livros difíceis, como a *Divina comédia*, de Dante Alighieri, e também a não abandoná-los caso já tenha começado suas leituras. Apesar da tentativa de estímulo a uma erudição, a revista tem apenas a expectativa de que o leitor saiba conversar sobre essas obras em momentos informais e/ou veja em outras mídias, como no cinema, por exemplo, o diálogo com esses livros consagrados, especialmente da literatura. É perceptível nas duas revistas a preocupação em proporcionar o mínimo que o leitor poderia/deveria saber para causar uma boa impressão entre os seus pares, o que expõe outra estratégia comercial de vender informações e indicações para suprir uma necessidade de ostentação intelectual.

Recentemente também no país uma publicação que apresentou uma lista muito pessoal foi *O livro das listas*, de Renato Russo (2017). Trata-se de uma compilação das listas do músico feitas entre as décadas de 1970 e 1990 sobre diversas áreas artísticas com as quais teve contato. Os organizadores, Sofia Mariutti e Tarso de Melo, esclarecem que o livro busca ampliar dados biográficos de quando Renato Russo esboçou, selecionou, ordenou e projetou suas principais realizações durante sua vida, seja num âmbito particular ou nos trabalhos como cantor, compositor e escritor, demonstrando uma estreita relação do resultado final de seus projetos com as listas iniciais que escreveu. Como ponto problemático, a edição traz uma seleção e não todas as listas de Renato, o que prejudica visualizar, de certa forma, as etapas de seu processo criativo:

Assim como as letras de música, as listas eram refeitas, aprimoradas e transformadas ao longo dos anos, obsessivamente. Procuramos manter apenas as mais bem-acabadas e definitivas de cada período, agrupando-as em três décadas da intensa vida de Renato. Acompanhando as listas, alguns comentários dos organizadores e fotografias selecionadas ajudarão o leitor a formar uma imagem desse repertório, seguindo a tradição dos almanaques (RUSSO, 2017, p. 17).

Se as listas excluídas, possivelmente em formato de rascunho, também participavam de modo profundo das suas composições e literatura, o recorte sobre as mais

bem-acabadas e definitivas parece dar um tom artificial à imagem de Renato Russo pois elimina os erros de percurso que o músico teve. Além dos comentários e o respeito aos almanaques, a parcialidade dos organizadores na seleção mostra uma compilação evidentemente mais “limpa” e, logo, uma visão menos ambivalente do artista para quem busca conhecer aspectos da sua biografia, apesar de tais listas poderem ser as mais próximas do resultado final ou causarem um impacto mínimo na apreciação das suas obras. Se compararmos com o que Nola (2014a, 2014b) propõe ao solicitar que o leitor escreva suas próprias listagens, as de Renato Russo, já com suas ordens e itens modificados por ele mesmo ao longo do tempo, não escaparam das intenções de seus compiladores nessa publicação, divulgando assim uma lista de listas já selecionadas e editadas.

O livro das listas, de Renato Russo (2017), é o exemplo que pode condensar alguns pontos importantes do artigo: primeiro, de acordo com Belknap (2004), Maciel (2009) e Eco (2010), é essencial a todas as listas passar pelo processo de escolha, mesmo que involuntariamente, por parte de quem as produz e/ou as organiza – tentativas de imparcialidade nunca prosperam nesse momento, e o leitor sempre as reconhece de algum modo. Segundo, as listas gerais, que por um aspecto sintético podem condensar as informações ao extremo e muitas vezes trazer equívocos por isso, não necessariamente se mantêm sempre dessa forma quando há, por exemplo, um contato direto com as áreas do conhecimento das quais se originam as indicações, mas o que podemos observar é o modo como isso foi transmitido para o leitor: há uma linguagem que varia da instrução, como no trabalho de Schwanitz (2009), com listas mais incisivas para a realidade dos leitores e a conquista de um provável conhecimento tácito, ao entretenimento, como nas duas edições da *Superinteressante* (2005, 2015), com certa leveza nas sugestões e uma regular liberdade de escolhas. O processo justifica a transição comentada anteriormente, que vai das informações que o leitor deveria saber para as informações que seria bom se ele soubesse. E terceiro, as listas gerais são difundidas para não transparecer a influência que causam, pois elas expõem um conhecimento só um pouco mais elevado do que o senso comum propaga, naturalizam que esse conhecimento mínimo vai auxiliar no crescimento da inteligência ou no repertório do leitor, e por abarcar diversas áreas, todas as informações ou recomendações listadas são direcionadas para os leitores usá-las na sua vivência cotidiana, no consumo e numa ostentação do saber que o diferencie dos demais em seu círculo social. Em decorrência disso, não é possível constatar uma mediação ou uma forma de se aprofundar o conhecimento com as indicações dessas listas, pois elas apostam apenas que autônoma e espontaneamente o leitor tomará a decisão de se tornar mais culto ou erudito.

No contato com a literatura, como parte integrante das recomendações dessas listas gerais, a influência direta que vemos é o possível uso de uma regular estrutura de indicações, um formato comum para se elaborar listagens, e a busca por um resultado padrão para o leitor: a sustentação de um conhecimento resumido. O diferencial entre essas listas e as listas literárias, obviamente, é o foco no literário, nos autores e nas obras, elementos que por vezes ampliam a função da lista em querer que o leitor leia mais, direcionando sua atenção ao consumo de livros. Com isso, nas listas gerais, o papel da literatura é integrar esse conhecimento difuso, em que vários temas e várias áreas são colocados para supostamente elevar o repertório cultural do leitor. A abreviação do conhecimento filosófico e científico, e sua devida organização em listagens, é transferida e incorporada a aspectos literários: principalmente nomes de autores e títulos de obras são selecionados e comentados brevemente em forma de rol, trazendo de modo constante, por exemplo, uma apresentação do contexto histórico, a biografia do autor, um resumo da obra e o que esperar na leitura.

Em obras como *1001 livros para ler antes de morrer*, de Peter Boxall (2010), por exemplo, o apelo comercial embutido no acúmulo de conhecimento listado é uma maneira de não aprofundar um determinado saber, de querer que o leitor mantenha seu foco no resumo da informação e não em um possível senso crítico acrescido de alguma mediação na e pela leitura. A conexão se dá pelo caráter quantitativo, já que as listas gerais e as literárias se manifestam para renovar as opções de itens a serem adquiridos. No caso das primeiras, os assuntos são compartimentados para compor as escolhas do leitor; e no caso das segundas, a indicação de livros é disposta para fazer parte das sequências de leitura, o que constitui os *rankings* estudados por Belknap (2004).

Enfim, com a análise realizada, o conhecimento que o leitor parece adquirir pelas listagens demonstra ser insuficiente para um prolongado estudo a respeito de algum tema da ciência, da filosofia, da história, da literatura, etc., mesmo que seja um primeiro passo ou um primeiro contato a partir dos assuntos elencados. Isso por que as listas gerais, e as literárias em decorrência, não defendem mediações de leitura, como comentamos, mas apelam para a introspecção do saber, do ensimesmamento daquilo que foi lido, delegando a reflexão posterior a um mero aspecto de gosto. Porém, o artigo não tem a intenção de apresentar um tom de censura, ou julgar em absoluto as listas gerais como publicações que sempre tentam manipular a autonomia do leitor, visto que são complexos os usos que individualmente são feitos com listas assim. Leitores diversos podem ter a percepção de que essas listagens possuem certos parâmetros para indicar leituras, sejam eles comerciais ou não. Por isso, tentamos entender e rastrear as influências, a forma como essas listagens se apresentam, e as

intenções que elas são capazes de causar para estabelecer performances de leituras e o consumo dos livros, resultando talvez em um saber generalista que pode determinar ou limitar o apreço do leitor.

Referências

101 LIVROS que mudaram a humanidade. Coleção Super Especial. **Superinteressante**. São Paulo, v. 1, 2005. Disponível em:

<https://issuu.com/rogeriocastelo/docs/101_livros_que_mudaram_a_humanidade>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BELKNAP, R. E. The Literary List: A Survey of its Uses and Deployments. **Literary Imagination** – The Review of The Association of Literary Scholars and Critics. v. 15, n. 1, p. 35-54., dez. 2000. Disponível em:

<<https://academic.oup.com/litimag/article-abstract/2/1/35/949255?redirectedFrom=PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BELKNAP, R. E. **The list**: the uses and pleasures of cataloguing. New Haven: Yale University Press, 2004.

BOXALL, P. (Ed.). **1001 livros para ler antes de morrer**. Tradução: Ivo Korytowski, Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

BRAGG, M. **12 Books that Changed the World**. Londres: Hodder & Stoughton, 2007.

BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN, J. **1kg de cultura geral**. Tradução: Adriana Zavaglia e Verónica Galíndez. São Paulo: Blucher, 2017.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II**: Da enciclopédia à Wikipédia. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ECO, U. **A vertigem das listas**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MACIEL, M. E. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

NOLA, L. **Listografia**: sua vida em listas. Tradução: Rogério Durst. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014a.

NOLA, L. **Literary Listography**: My Reading Life in List. São Francisco: Chronicle Books, 2014b.

ORTIZ, R. As ciências sociais e o inglês. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 19, n. 54, p. 5-23, fev. 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n54/a01v1954.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

OS 30 livros mais importantes da história. Dossiê. **Superinteressante**. São Paulo, v. 1, 2015. Disponível em:

<https://issuu.com/rogeriocastelo/docs/os_30_livros_mais_importantes_da_hi>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RUSSO, R. **O livro das listas**: referências, musicais, culturais e sentimentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCHWANITZ, D. **Cultura geral**: tudo o que se deve saber. 2. ed. Tradução: Beatriz Rose, Eurides Souza e Inês Lohbauer. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SEYMOUR-SMITH, M. **Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade**: a história do pensamento dos tempos antigos à atualidade. 9. ed. Tradução: Fausto Wolff. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TRAGINO, A. **Listas literárias**: um estudo sobre as indicações da literatura brasileira. 2020. 205 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Letras, ES. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_14180_Arnon%20-%20Tese.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

WALLECHINSKY, D; WALLACE, A. **O livro das listas**: uma coletânea das informações mais curiosas do mundo. Adaptação: Priscila Arida. Tradução: Mirian Groeger e Sylvio Gonçalves. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LISTS, LITERATURES AND BOOKS OF GENERAL CULTURE: AN ANALYSIS

Abstract

This paper studies, through a brief bibliographic review, books of lists of general culture: materials that comprehensively deal with various subjects of science and knowledge fields such as philosophy, history, politics, sociology, among others, briefly explaining theories and events, and sometimes suggesting books. Such works include literature according to the recommendations of authors, books or texts, in order to also bring together the presented diversity of many fields of knowledge with aesthetic elements of literary works, renowned writers, characteristics and importance of the texts, etc. Theoretically we are based on Robert Belknap (2004), for the work *The List*, to discuss the notion of ranking, which explains the presence, the selection process and the uses of works of the genre “list”, both in general themes and in the nominated literature. The *corpus* is composed of contemporary publications from 1977 to 2017, whose organization lists classifications such as “Books that changed the world” or “Most important works for humanity”, of foreign origin, mainly Anglophone, and Brazilian. The paper understands, in the final discussions, that there is a strong commercial appeal by these works to elevate a constant individual acquisition of knowledge, a fact that does not open space for mediations or deepening of several knowledges.

Keywords

List. Literature. Book. General Culture.